



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v20i1.8666520>

Artigo Original

## Práticas corporais e população LGBTI+ na Educação Física: uma revisão de escopo

*Bodily practices and LGBTI+ in Physical Education:  
a scoping review*

*Prácticas corporales y población LGBTI+ en Educación Física:  
una revisión de alcance*

Maria Clara Elias Polo<sup>1</sup>   
 Jose Miguel Nieto Olivar<sup>1</sup>   
 Giselle Helena Tavares<sup>2</sup> 

### RESUMO

**Objetivo:** Este estudo objetivou mapear as produções científicas sobre práticas corporais e população LGBTI+ no Brasil, bem como, compreender especificamente se a área da Educação Física produz referenciais que versam sobre essa temática. Buscou-se também, compreender na área de conhecimento Educação Física. **Método:** As bases de dados utilizadas foram: SciELO, LILACS, SPORTDiscus e Scopus (via EBSCO). Foram utilizadas as palavras-chave Homossexualidade; LGBT; lésbica; gay; transexual; transgênero; travesti; bissexuais; diversidade sexual; diversidade de gênero; identidade de gênero; orientação sexual; homo/trans/lesbo/fobia; sexualidade; orientação sexual em combinação com o termo "práticas corporais". Quatorze estudos foram incluídos. **Resultados:** Todas as pesquisas selecionadas possuem caráter qualitativo. A maioria das revistas em que os manuscritos foram publicados atuam na produção de conhecimento na Educação Física (EF). O campo do conhecimento com maior aporte teórico voltado ao tema é o campo da EF Escolar, seguido pelo campo do Esporte. Nota-se, a importância da interface dos estudos de gênero e sexualidade oriundos das Ciências Sociais/Humanas com a Educação Física. **Conclusão:** Conclui-se que mesmo sem um filtro cronológico, apenas 14 estudos foram encontrados, entre os anos 2010 e 2020, corroborando com a timidez já enunciada sobre pesquisas que versam sobre sexualidade e gênero na EF.

**Palavras-chave:** Práticas Corporais. Minorias Sexuais e de Gênero. Educação Física.

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, Departamento Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade, São Paulo-SP, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Grupo de Pesquisa sobre Gestão do Esporte, Lazer e Saúde, Uberlândia-MG, Brasil.

#### Correspondência:

Maria Clara Elias Polo. Rua da Carioca, 1350, Copacabana, Uberlândia - MG, CEP 38411-151. Email: [mcepolo@gmail.com](mailto:mcepolo@gmail.com)



## ABSTRACT

**Objective:** This study aimed to map the scientific productions on bodily practices and LGBTI+ population in Brazil, as well as to understand specifically if the field of Physical Education reduces on this topic. **Method:** The databases used were: Scientific Electronic Library (SCIELO), Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS), SPORTDiscus (via EBSCO platform) and Scopus (via EBSCO). Keywords were used: Homosexuality; LGBT; lesbian; gay; transsexual; transgender; transvesti; bisexuals; sexual diversity; gender diversity; gender identity; sexual orientation; homo/trans/lesbo/phobia; sexuality; sexual orientation in combination with the term "bodily practices". Fourteen studies were included in this scoping review. **Results:** All research conducted is of a qualitative nature. Most of the journals in which the manuscripts were published work on the production of knowledge in Physical Education (PE). The field of knowledge with the greatest theoretical contribution to the topic, is scholar PE area, followed by Sports area. It is observed the importance of the interface of gender and sexuality studies from the social/human sciences with PE. **Conclusion:** It is concluded that even without a chronological filter, only 14 studies were found, between the years 2010 and 2020, corroborating the shyness already mentioned in researches related to sexuality and gender in PE.

**Keywords:** Bodily Practices. Sexual and Gender Minorities. Physical Education.

## RESUMEN

**Objetivo:** Este estudio tuvo como objetivo mapear producciones científicas sobre prácticas corporales y población LGBTI+ en Brasil, así como, comprender específicamente si el área de Educación Física produce referencias que tratan este tema. **Método:** Las bases de datos utilizadas fueron: SCIELO, LILACS, SPORTDiscus y Scopus (vía EBSCO). Las palabras clave Homosexualidad; LGBT; lesbiana; gay; transexual; Transgénero; travesti; bisexuales; diversidad sexual; Diversidad de género; identidad de género; orientación sexual; homo / trans / lesbo / fobia; sexualidad; orientación sexual en combinación con el término "prácticas corporales". Se incluyeron catorce estudios en esta revisión de alcance. **Resultados:** Todos los estudios realizados son de carácter cualitativo. La mayoría de las revistas en las que se publicaron los manuscritos son del área de Educación Física (EF). El campo de conocimiento con mayor enfoque teórico sobre el tema es el campo de EF Escolar, seguido del campo de Deporte. Se observa la importancia de la interfaz de los estudios de género y sexualidad de las ciencias sociales/humanas con la EF. **Conclusión:** Se concluye que aún sin un filtro cronológico, solo se encontraron 14 estudios, entre los años 2010 y 2020, corroborando la timidez ya mencionada en las investigaciones que abordan la sexualidad y el género en la EF.

**Palabras Clave:** Practicas Corporales. Minorías Sexuales y de Género. Educación física.

## INTRODUÇÃO

A analítica *queer*<sup>3</sup> vêm marcando a produção de conhecimento em diversas áreas científicas e artísticas há mais de 30 anos. No entanto, na área da Educação Física no Brasil, temas que tangenciam corpos, práticas e relações de gênero e sexuais vistas socialmente como marginais ou problemáticas, são analisados e debatidos em termos teóricos em menor grau, em menor solidez e com menor frequência (PEREIRA; SILVA, 2019). Interessante considerar, outrossim, que o termo “diversidade” se faz comum na agenda política e pedagógica brasileira e nos projetos educacionais e de saúde, por exemplo. Este termo carrega intrinsecamente sujeitos distintos, diferentes perspectivas e marcadores identitários (GOELLNER, 2010).

A população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Interssexuais, assexuais, entre outros (LGBTI+)<sup>4</sup>, pode ser considerada membra assídua do grupo e do termo “diversidade” nas políticas, nos documentos oficiais de Educação e de Saúde, em artigos que sustentam tais políticas federais, estaduais e/ou municipais. Por não serem frequentes as investigações empíricas, epidemiológicas, qualitativas e quantitativas sobre essa população na área da Educação Física, há uma série de lacunas relacionadas aos conhecimentos sobre as demandas desta comunidade.

Como exemplo, não sabemos os números daquelas pessoas que realizam práticas corporais<sup>5</sup>, não temos muitas reflexões, teorias, informações sobre as

---

<sup>3</sup> A analítica *Queer*, surge em meados de 1980 como oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e de gênero (MISKOLCI, 2009). O termo foi utilizado por Teresa de Lauretis em 1990. Os estudos *queer* buscam compreender dinâmica da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais. “*Queer*”, antes denominação para “estranho”, “excêntrico”, passa por um processo de resignificação de modo à ser reapropriado como ativismo contra as formas de opressão relacionadas ao gênero e sexualidade (JAGOSE, 1996).

<sup>4</sup> Utilizamos a sigla LGBTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Interssexuais) com base na possível padronização sugerida pela Aliança Nacional LGBTI+. Partindo do entendimento que o símbolo “+” representa a inclusão de outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero.

<sup>5</sup> As disputas epistemológicas sobre a utilização dos termos “práticas corporais” e “atividades físicas” não cessam. As políticas de saúde inserem uma barra (/) entre eles: práticas corporais/atividades físicas de modo que se torne uma padronização institucional, autoras/es utilizam o “e” em “práticas corporais e atividade física” na tentativa de somar duas ações distintas, mas sem definir e especificar qual a distinção entre elas. Existem autoras/es que os utilizam como sinônimos, deliberadamente com “ou” e, também, sem especificar a diferença entre eles: atividade física ou práticas corporais (LAZZAROTTI FILHO et al., 2009). Neste artigo “atividades físicas” e “práticas corporais” não são entendidas como sinônimos, especialmente por isso, o termo “atividade física” não foi utilizado como descritor de busca na revisão. Ao considerar que não há um conceito hermético para o termo práticas corporais, os conceitos só poderiam ser compreendidos de maneira relacional pois se remetem ao mundo social, e, por essa via, no próprio dicionário crítico da educação física, as professoras Ana Márcia Silva, Priscilla de Cesaro Antunes e o professor Ari Lazarotti Filho descrevem *um conjunto de características* das práticas corporais (SILVA, LAZAROTTI FILHO, ANTUNES, 2014). Sumariamente, práticas corporais se referem à cultura corporal do movimento (KUNZ, 1991; SOARES et al., 1992), como manifestações do tipo lutas, capoeira, dança, esportes, atividade física, exercício físico, jogo e brincadeiras, tai chi chuan, yoga, ginástica, incorporando aspectos subjetivos, como os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos.

práticas corporais realizadas por pessoas LGBTI+. Não temos dados populacionais sobre população LGBTI+ que analisam pontualmente as manifestações esportivas com exceção de países da Europa e Estados Unidos (CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA, 2020; DENISON; KITCHEN, 2015; HARTMANN-TEWS *et al.*, 2019). O que sabemos, no entanto, é que as práticas corporais em ambientes heteronormativos podem envolver experiências de discriminação, frustração, ocultação da orientação sexual e identidade de gênero, por medo de violência ou rejeição – o que culmina no abandono da prática (CUNNINGHAM, 2012). São escassos os referenciais teóricos que se debruçam em entender as especificidades e as demandas dessa população. Aqui, vale ressaltar que não nos referimos à caracterização sociodemográfica como “idade” ou “situação conjugal”, mas nos referimos à tudo que remete o próprio corpo e a forma como esse corpo e os objetos à sua volta, interagem nas redes que esses integram.

A área de conhecimento Educação Física pode ser considerada uma das principais responsáveis para a promoção de práticas corporais. No entanto, ao considerar os estudos de gênero produzidos pela área da Educação Física, observam-se resultados que posicionam e destacam a área como aquela que engendra corpos apenas por uma visão anatomofisiológica, os quais ainda são hegemônicos no campo. E, em consequência disto, desconsidera os corpos heterodissidentes bem como, aqueles que desobedecem aos referenciais cisnormativos (PEREIRA; SILVA, 2019).

No que diz respeito à gênero, pautamos na perspectiva de Judith Butler. Sendo este, algo que não define o ser, mas participa da inteligibilidade da vida social. O gênero para a autora, não é uma identidade estável, mas uma identidade tenuamente constituída no tempo e, nesse sentido, os corpos são transformados em gênero pelo que a autora chama de “atos”, e, em vez de estruturas predeterminadas – essência, fato natural, cultural ou linguístico, o gênero se torna um ato sedimentado, intencional e performático (BUTLER, 2019a). O entendimento de gênero nessa perspectiva, é importante para os estudos na área da Educação Física, especialmente porque os gêneros são instituídos pela estilização do corpo – e essa estilização do corpo é produzida pelos gestos corporais e movimentos (BUTLER, 2019b) – para o/a professor/a de Educação Física por exemplo, responsável pelo processo de ensino-aprendizagem da corporeidade de alunos/as, é importante articular e aproximar de um diálogo sobre as questões do corpo – próprio, e do outro (IWAMOTO; AMORIM; SEABRA, 2021).

Já no que se refere à sexualidade, outro conceito caro à esta pesquisa, podemos posicioná-la como um dispositivo histórico (FOUCAULT, 1988). Dessa forma, a sexualidade se enquadra em um contexto social-histórico e é influenciada pelos mecanismos de saber-poder, sendo algo móvel e constituída de múltiplos discursos sobre o sexo: sejam eles reguladores, normatizadores, que produzem saberes e/ou verdades (LOURO, 2000).

Ao considerar que as práticas corporais permeiam, atravessam e auxiliam na construção do corpo, bem como, constatando a necessidade de voltar olhares à população LGBTI+, faz-se premente compreender o que é produzido no Brasil e, em especificamente na área de conhecimento Educação Física, no que diz respeito às práticas corporais considerando os marcadores orientação sexual e identidade de gênero. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é mapear as produções científicas sobre práticas corporais e população LGBTI+ no Brasil, com foco nas produções indexadas nas bases: Scientific Electronic Library (SCIELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), SPORTDiscus (via plataforma EBSCO) e Scopus (via EBSCO).

## MÉTODOS

Trata-se de um estudo de Revisão de Escopo (*Scoping Review*) de natureza qualitativa. A revisão foi norteada pelo *Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews* (PRISMA-ScR) Checklist com método de extração de dados proposto pelo Instituto Joanna Briggs (JBI) (JOANNA BRIGGS INSTITUTE (JBI), 2015). O JBI orienta que o título exponha os elementos do mnemônico P (população) C (conceito) e Contexto (C), que orienta a pergunta da revisão, portanto, para construir a pergunta de pesquisa utilizou-se P – população LGBTI+; C –práticas corporais e C - sem contexto determinado.

O corpo de literatura relacionado às práticas corporais da população LGBTI+ ainda não foi revisado de forma abrangente. Neste artigo, o objetivo é compreender se há pesquisas realizadas com o tema, que tipos de pesquisa são conduzidas, quais as áreas de conhecimento que as produzem e identificar possíveis lacunas. Posto isso, a pergunta norteadora estabelecida para a realização desta revisão foi: O que se tem produzido na literatura científica brasileira sobre práticas corporais e população LGBTI+?

O levantamento bibliográfico foi realizado no período de outubro a dezembro de 2020, com as palavras-chaves: Homossexualidade; LGBT; lésbica; gay; transexual; transgênero; travesti; bissexuais; diversidade sexual; diversidade de gênero; identidade de gênero; orientação sexual. Após busca inicial, outros termos foram incluídos: homofobia; transfobia; lesbofobia; sexualidade; orientação sexual. Junto aos descritores foi empregado o termo booleano: AND e acrescido a palavra-chave “práticas corporais”.

As bases de dados utilizadas foram: SCIELO, LILACS, SPORTDiscus e Scopus. Foram incluídas pesquisas primárias e secundárias (revisões de qualquer natureza, fontes de segunda mão), apenas no idioma português, abordagens quantitativas e qualitativas e resumos publicados em anais de congressos.

Foram excluídas produções com idioma português de Portugal, artigos e/ou capítulos que não estão disponíveis na íntegra, capítulos de livros e livros. Foram excluídos os artigos que não apresentassem a discussão como objetivo principal, que fugiam da temática e/ou não contemplavam a proposta do estudo.

Para a seleção dos artigos, após aplicar as palavras-chaves, foi realizada a leitura do título e do resumo. Após a seleção de títulos e resumos, foi realizada a leitura dos artigos na íntegra. Neste momento, foram considerados somente os textos que tinham como eixo central a discussão sobre práticas corporais, gênero e sexualidade, que transcorrem de questões relacionadas à população LGBTI+. Foram incluídas referências citadas nos artigos selecionados para leitura na íntegra, com objetivo de identificar produções que não estão indexadas nas bases selecionadas anteriormente.

A *posteriori*, buscou-se especificar e analisar a produção da área de conhecimento Educação Física, para tanto, foi realizada uma análise do foco e escopo da revista científica na qual o artigo foi publicado.

## RESULTADOS

Ao aplicar os descritores de busca, foram encontrados 280 estudos nas quatro bases propostas. Dos 280 estudos, após realizar a leitura dos títulos, 177 foram excluídos por não abordarem as práticas corporais *per se*<sup>6</sup> e a população LGBTI+ e 90 estudos foram excluídos por serem duplicados. A figura 1 apresenta o fluxograma do processo de seleção.

Foram selecionados 16 estudos para leitura dos resumos que atenderam aos critérios de inclusão do estudo, em que todos foram incluídos para a leitura do texto completo. Após leitura na íntegra, dez estudos foram excluídos. Nestes estudos foram observadas discussões sobre gênero e esporte olímpico – feminização e hormonização da mulher, feminismo no esporte, estudo sobre mulheres, doping e machismo, entre outros assuntos que não pautam diretamente a população LGBTI+. Ao final desta fase, foram considerados 6 estudos para análise.

Após esta etapa foi realizada uma nova busca, considerando a lista de referências dos artigos selecionados pelos resumos, buscando textos que abordassem a temática pesquisada, mas que porventura não apareceram na busca. Assim, oito produções citadas nas referências destes estudos foram

---

<sup>6</sup> As práticas corporais podem aparecer com menções a técnicas corporais extremamente diversas, desde aquelas mais elementares como cozinhar, coser, modos de vestir, até aquelas mais complexas e elaboradas, como o *body art*, dietas, cirurgias cosméticas. Ressalta-se que nesse estudo, buscou-se incluir as práticas corporais como componentes da cultura corporal do movimento.

incluídas para leitura, totalizando assim, 14 estudos incluídos nesta revisão de escopo.

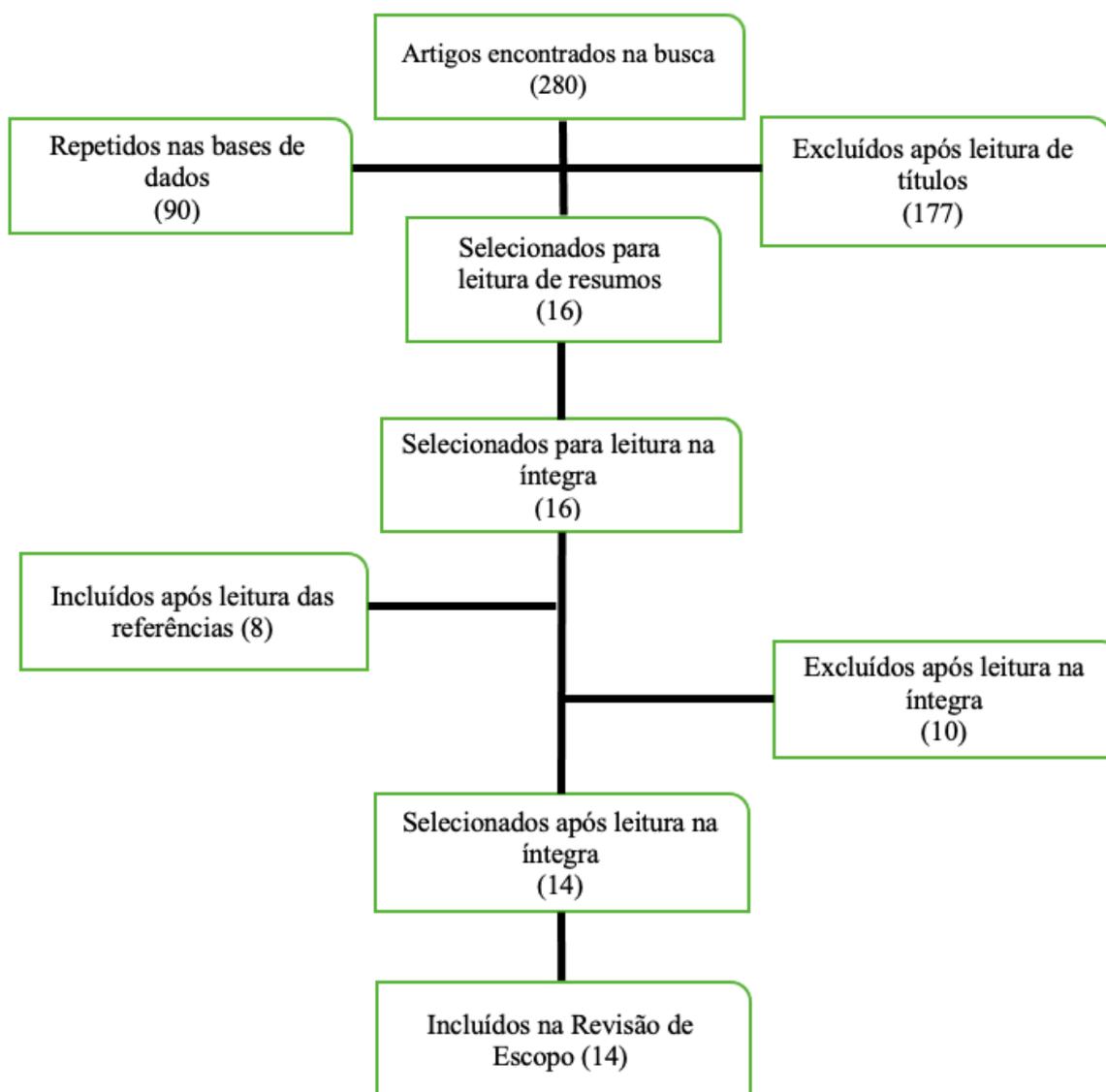


Figura 1 - Fluxograma do processo de seleção dos estudos para a revisão de escopo.

Os estudos selecionados foram publicados entre os anos 2010 à 2020, sendo quatro dos 14 estudos, publicados nos anos 2018 a 2020. Sobre os veículos de divulgação científica, dez revistas possuem como enfoque a área da Educação Física, sendo seis artigos publicados na Revista Movimento (UFGRS), um manuscrito na Revista Motriz, dois na Motrivivência e um na Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Apenas quatro revistas se diferenciam, com publicações temáticas do Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES – Cad. CEDES); Revista Educação – PUC Campinas e a Revista Reflexão e Ação de Santa Cruz, as quais o escopo é direcionado à profissionais e pesquisadores do campo da Educação – e não especificamente da Educação Física (QUADRO 1).

Metade dos trabalhos publicados possuem como enfoque as discussões sobre gênero, sexualidade e o campo da Educação Física (EF) Escolar – Vagner Prado e Arilda Ribeiro em 2010, 2014 e 2016 (PRADO; RIBEIRO, 2010; 2014; 2016); Ileana Wenez em 2012 (WENETZ, 2012) e em 2019 com Christiane Macedo (WENETZ; MACEDO, 2019), Neil Franco em 2016 (FRANCO, 2016), e Rafael Garcia e Leandro Brito em 2018 (GARCIA; BRITO, 2018) (QUADRO 1).

Além da EF escolar, em 2014, Carla Grespan e Silvana Goellner produziram uma discussão baseando-se em discursos que os usuários de blogs e sites esportivos “postavam” sobre a participação da atleta transgênero Fallon Fox (GRESPLAN; GOELLNER, 2014). Dois trabalhos de Allyson Araújo (2015) e Paula Nunes Chaves (2015) (CHAVES; ARAÚJO, 2015) propõem uma discussão acerca de identidade de gênero no esporte retratado no cinema. Também foram selecionados, dois artigos de Jéssica Serrano, Iraquitan Caminha e Isabelle Gomes em 2017 e 2019 (SERRANO; CAMINHA; GOMES, 2017; 2019), sendo uma revisão sistemática sobre transexualidade e Educação Física e um manuscrito sobre construção do corpo do homem trans e sua relação com a atividade física. O manuscrito mais recente, publicado em dezembro de 2020, de Rafael Garcia e Erik Pereira (GARCIA; PEREIRA, 2020) aborda uma discussão a partir da opinião de atletas e treinadores de voleibol sobre a participação de mulheres trans no voleibol feminino, considerando a atleta Tiffany Abreu. Além de artigos originais completos, foi publicado um resumo de Francisco Cleiton do Rego em 2014 na 29o Reunião Brasileira de Antropologia (QUADRO 1).

No tangente à natureza da pesquisa todos os trabalhos apresentam abordagem qualitativa, inclusive a revisão sistemática realizada por Serrano, Caminha e Gomes (2018). Três estudos utilizaram-se de pesquisas etnográficas, com utilização da técnica observação participante e entrevistas aberta e/ou semiestruturadas (WENETZ, 2012; GARCIA; BRITO, 2015; WENETZ; MACEDO, 2019); um estudo de revisão (SERRANO; CAMINHA; GOMES, 2017); dois estudos ponto de vista/ensaio que propôs debates teóricos (ARAÚJO, 2015), um estudo exploratório que adotou uma perspectiva interpretativa fenomenológica (SERRANO; CAMINHA; GOMES, 2019) e um estudo que concentra uma problematização teórica sobre as interlocuções entre corpo, gênero, identidade e cultura corporal de movimento (PRADO; RIBEIRO, 2010) (QUADROS 2 e 3).

**Quadro 1** - Título, autoria, ano de publicação e meio de divulgação científica das produções encontradas

	<b>Título da produção</b>	<b>Autoras e autores</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Periódico/Revista/Jornal</b>
1	Gênero, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa	Vagner Prado e Arilda Miranda Ribeiro	2010	Motriz
2	Gênero, corpo e sexualidade: negociações nas brincadeiras do pátio escolar	Ileana Wenez	2012	Cadernos Cedes
3	Fallon fox: um corpo <i>queer</i> no octógono	Carla Grespan, Silvana Goellner	2014	Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS
4	Hipertrofia muscular como expressão da masculinidade entre homens transexuais: masculinidades e ética antropológica	Francisco Silva do Rego	2014	Caderno de Resumos: 29o Reunião Brasileira de Antropologia
5	Educação física escolar, esportes e normalização: o dispositivo de gênero e a regulação de experiências corporais	Vagner Prado e Arilda Miranda Ribeiro	2014	Revista Educação - PUC Campinas
6	Gênero, sexualidade e esporte no cinema	Allyson Carvalho Araújo	2015	Revista Brasileira de Ciência e Movimento
7	Pensando o corpo travestido e transexualizado no esporte: uma análise da película Beautiful Boxer	Paula Nunes Chaves e Allyson Carvalho de Araújo	2015	Motrivivência
8	A Educação Física como território de demarcação dos gêneros possíveis: vivências escolares de pessoas travestis, transexuais e transgêneros	Neil Franco	2016	Motrivivência
9	Escola, homossexualidades e homofobia: lembrando experiências na educação física escolar	Vagner Prado e Arilda Miranda Ribeiro	2016	Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz
10	Transexualidade e Educação Física: uma revisão sistemática em periódicos das ciências da saúde	Jéssica Leite Serrano, Iraquitan de Oliveira Caminha, Isabelle Sena Gomes	2017	Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS
11	Performatizações queer na Educação Física Escolar	Rafael Marques Garcia e Leandro Teofilo de Brito	2018	Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS
12	Homens trans e atividade física: a construção do corpo masculino	Jéssica Leite Serrano, Iraquitan de Oliveira Caminha, Isabelle Sena Gomes	2019	Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS
13	Masculinidade(s) no balé: gênero e sexualidade na infância	Ileana Wenez e Christiane Garcia Macedo	2019	Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS
14	A opinião de atletas e treinadores de voleibol sobre a participação de mulheres trans	Rafael Marques Garcia e Erik Barbosa Pereira	2020	Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS

Ao considerar as características dos artigos selecionados para essa revisão de escopo, foi possível agrupar os resultados em dois quadros: O quadro 2, apresenta os objetivos e metodologias utilizadas nos artigos relacionados à *Educação Física Escolar*, e o Quadro 3 as produções que se relacionam com o campo do *Esporte*.

**Quadro 2** - Títulos, objetivos e metodologias de estudos relacionados à Educação Física Escolar

<b>Título da produção</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Metodologia</b>
Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa	Realizar uma discussão com apoio teórico em pressupostos das teorias de gênero e formulações pós-estruturalistas.	Pautado/a nos estudos pós-estruturalistas, problematização teórica sobre as interlocuções entre corpo, gênero, identidade e cultura corporal de movimento.
Gênero, corpo e sexualidade: negociações nas brincadeiras do pátio escolar	Problematizar as aprendizagens, os significados sociais atribuídos ao corpo e ao gênero nas práticas corporais que permeiam o recreio.	Estudo etnográfico durante um ano numa escola pública de Porto Alegre (RS).
Educação física escolar, esportes e normalização: o dispositivo de gênero e a regulação de experiências corporais	Problematizar como as normas de gênero regulam as intervenções pedagógicas na Educação Física escolar a partir da implementação dos conteúdos esportivos.	Estudo utilizou entrevistas semi-estruturadas e a técnica Análise de Conteúdo de Bardin (2011) para construção dos eixos norteadores
A Educação Física como território de demarcação dos gêneros possíveis: vivências escolares de pessoas travestis, transexuais e transgêneros	Identificar e problematizar indícios de desestabilização que a presença de professoras <i>trans</i> provocaria nas escolas e problematizar a aula de educação física como demarcadora de gêneros.	Entrevistas e questionário com 12 professoras <i>trans</i> , análise de fontes bibliográficas e documentais
Escola, homossexualidades e homofobia: rememorando experiências na educação física escolar	Compreender de que maneira as práticas realizadas na Educação Física escolar impactaram na vida de jovens homossexuais	Análise de seis narrativas por meio da realização de entrevistas semiestruturadas
Performatizações queer na Educação Física Escolar	Problematizar como se constituíam as relações de gênero e sexualidades nas aulas de EF Escolar de uma escola municipal	Observação participante analisada pela técnica de Análise de Conteúdo e análises pautadas nos Estudos Queer.

**Quadro 3** - Títulos, objetivos e metodologias de estudos relacionados ao Esporte

<b>Título da produção</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Metodologia</b>
Fallon fox: um corpo <i>queer</i> no octógono	Com base nos estudos de gênero e na teorização <i>queer</i> , o texto objetivou analisar questões relativas à inserção de Fallon Fox no âmbito das lutas de MMA.	Estudo que analisou 510 comentários postados em três artefatos culturais específicos de lutas. Análise de dados empíricos por meio da técnica Análise de Conteúdo de Bardin (2011)
Hipertrofia muscular como expressão da masculinidade entre homens transexuais: masculinidades e ética antropológica	Refletir sobre a hipertrofia muscular como expressão das masculinidades.	Estudo utilizou entrevistas conferenciadas, acompanhamento de fóruns de discussão sobre a temática transexual na Internet e trabalho de campo realizado em academias de ginástica.
Transexualidade e Educação Física: uma revisão sistemática em periódicos das ciências da saúde	Buscar periódicos na área da saúde que ajudassem a esclarecer se o exercício físico tem sido utilizado por pessoas trans como instrumento de intervenção sobre o corpo e solidificação de identidade	Estudo de revisão sistemática sobre o tema transexualidade em periódicos do campo da saúde.
Homens trans e atividade física: a construção do corpo masculino	Discutir sobre a relação entre atividade física, modificações na construção dos corpos, e a produção das masculinidades por homens transexuais.	Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e um questionário socioeconômico, analisados com base na proposta de Bicudo para a análise fenomenológica.
Masculinidade(s) no balé: gênero e sexualidade na infância	Discutir sobre gênero e sexualidade na infância, discutir a questão da dança e masculinidade.	Foram realizadas observações etnográficas e entrevistas.
A opinião de atletas e treinadores de voleibol sobre a participação de mulheres trans	Averiguar a opinião de atletas e treinadores de voleibol sobre a participação de mulheres <i>trans</i> no voleibol feminino a partir do caso de Tiffany Abreu.	Seleção do material empírico em fontes de informação disponíveis <i>online</i> . A técnica utilizada foi análise de discurso.

## DISCUSSÃO

Objetivou-se neste artigo, para além de realizar uma revisão de escopo sobre o que se tem produzido com relação ao tema práticas corporais e população LGBTI+ no Brasil em revistas indexadas, compreender especificamente, se a área da Educação Física produz referenciais que versam sobre essa temática. Quando mencionamos “área da Educação Física (EF)”, nos referimos à Área 21 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), constituída pelos programas das subáreas: EF, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional e Fisioterapia. Nesse sentido, para definir se as produções são oriundas da área de conhecimento EF, avaliou-se o foco, escopo e informações da revista indexada nas bases de busca, nas quais os artigos foram encontrados.

Foram encontrados 14 estudos, sendo que se pode afirmar que o campo da Educação Física Escolar é o que se debruça com maior frequência nos estudos que problematizam sexualidade, corpo, gênero e práticas corporais. Embora existam formulações teóricas da Sociologia e Filosofia que começaram a iluminar o campo acadêmico-científico da Educação Física (STIGGER, 2015), ainda estamos estagnados em conceitos e referenciais de saúde mais ancorados na tradição biomédica, estabelecendo a instituição médica moderna e versões ultrapassadas de abordagens biológicas como agentes principais nas discussões e discursos.

Nesse sentido, o campo da EF escolar, ao se aproximar com discussões da área da Educação, e conseqüentemente conectando debates com as Ciências Humanas e Sociais – ao utilizar o termo “práticas corporais” por exemplo, imprime proposições de que as práticas de saúde - tal como a atividade física, vão para além de tecnologias de cuidado (AYRES, 2004). Isto é, questões que podem parecer insignificantes, como a escolha do termo “práticas corporais” para se referir à atividade física, demonstram resistência à ideia utilitarista do conceito hegemônico de “atividade física” na área EF e à biopolítica informacional (FRAGA, 2006). Somado a isto, pode-se assumir que temáticas que ainda engatinham na Educação Física, como os estudos de gênero, de mulheres, de cor e raça, *queer*, estudos transviados, estão presentes em maior escala nos estudos que se orientam pelas Ciências Humanas e Sociais dentro da área.

De modo a corroborar com estas afirmações, notou-se que quatro dos sete artigos foram publicados pela revista de Educação Física da UFRGS, Movimento. Sobre o escopo da revista, o que se observa é a ênfase em temas relacionados à Educação Física, considerando aspectos pedagógicos, históricos, políticos e culturais, tendo como “fundamentos teóricos, metodológicos, analíticos e interpretativos aqueles oriundos das Ciências Humanas e Sociais” (REVISTA MOVIMENTO, 2021).

Por este caminho, vale ressaltar que todos os artigos encontrados são de natureza qualitativa, e isso pode ser explicado pela aplicação do descritor “práticas

corporais” ao invés do termo “atividade física”. Embora a pedagogia e a saúde não deveriam estar em campos opostos - ao considerar sua complementariedade, parece haver distinções fronteiriças que permitem que o qualitativo e o quantitativo sejam dissociados e as disputas epistemológicas destes dois termos estão incluídas nessa dissociação. Diversos estudos apontam sobre a conduta investigativa da EF e a forma como opera e mantém um hábito constante de fragmentar os saberes: de um lado, àqueles que se orientam quantitativamente, fruto de desenvolvimento científico de áreas biológicas ou exatas, que geram um certo suporte teórico às ciências do esporte ou da atividade física. Do outro lado, considera-se e enfatiza-se a influência de aspectos sociais sobre o indivíduo e outras dimensões ou aspectos do comportamento humano desconsiderados nas análises quantitativas e mensurações no plano biológico (DAOLIO, 2015).

Ao considerar que tratamos neste estudo de temáticas relacionadas à sexualidade, ao gênero, à população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais..., evidentemente, não temos um “conjunto dado” nem de pessoas nem de práticas, e sim um lastro de relações que dão sentido a uma série de práticas humanas e seus corpos e espaços. E este foi o motivo pelo qual optou-se pela busca utilizando o termo “práticas corporais”. Como a construção ou a teorização do campo dos estudos quantitativos na Educação Física se orienta por fontes estritamente biológicas, físicas, fisiológicas – assim como a definição do termo “atividade física”, as discussões que permitem ir para além de uma pequena fatia do “corpo” – considerando que o corpo não é algo que “temos” e sim algo que “somos” (GOELLNER, 2010), podem ficar invisíveis. Nesse sentido, o que é possível notar nos achados deste artigo (e é consequência dos descritores de busca), é o fato de não encontrar nenhum artigo de natureza quantitativa que se relaciona com as temáticas propostas.

No tangente ao conteúdo e objetivos dos estudos publicados, o quadro 2 consta as produções relacionadas à Educação Física Escolar. Os estudos de Prado e Ribeiro (2010; 2014 e 2016), realizam discussões com apoio teórico em pressupostos das teorias de gênero e formulações pós-estruturalistas, com o sentido de problematizar conceitos como cultura, corpo, gênero, identidade, de gênero e orientação sexual e suas interlocuções com a Educação Física escolar. No mesmo sentido, Wenzel (2015) propõe a problematização das aprendizagens, os significados sociais atribuídos ao corpo e ao gênero nas práticas corporais que permeiam o recreio escolar de primeira a quarta séries. De modo a somar nessas discussões, Garcia e Brito (2018) retratam sobre como se constituem as relações de gênero e sexualidades nas aulas de Educação Física Escolar de uma escola municipal, com destaque para relatos da participação de um menino estudante que não se enquadrava nas normas binárias de gênero.

Garcia e Brito (2018) e Wenzel e Macedo (2019) realizam um trabalho de campo, no “chão da escola”, e corroboram com os apontamentos do estudo teórico de Prado e Ribeiro (2010) em que são observados diferentes discursos que

evidenciam algumas representações de gênero padronizadas, na tentativa de enquadrar e reconhecer uma existência, em detrimento de outras. Estes impetram conclusões sobre exclusão, agressões e convivência do professor de Educação Física na escola, constatando mais uma vez, a figura masculina – como sinônimo de força, brutalidade, como uma marca na construção e sustentação na EF escolar (ALTMANN, 2015).

O estudo de Neil Franco, ao entrevistar professoras Trans que frequentaram a EF escolar, impetra conclusões sobre exclusão, agressões e convivência do(a) professor(a) de Educação Física na escola, considera as atitudes conluiadas dos(as) docentes responsáveis – e chama-se a atenção de professores de Educação Física, os(as) quais colaboram para a naturalização de preceitos heteronormativos cristalizados na sociedade. No mesmo sentido, em um estudo realizado nos Estados Unidos, ao analisarem os discursos de 305 professores, evidenciou-se que embora as atitudes dos(as) professores(as) em relação à homossexualidade e normas de gênero tenham se tornado mais favoráveis ao longo dos tempos, quase metade destes(as) exibiu pelo menos uma atitude negativa relacionada a alunos(as) LGBTI+. Embora os(as) professores(as) possuam uma responsabilidade ética em garantir educação e respeito para todos(as) os(as) alunos(as), idade, conservadorismo político, frequência religiosa e herança de crenças religiosas foram significativamente associados a atitudes LGBTfóbicas (HALL; RODGERS, 2019).

É interessante mencionar o papel do(a) professor(a). Uma pesquisa realizada na Irlanda, evidenciou que os(as) professores(as) mostraram-se relutantes em abordar o bullying de natureza homofóbica e 41% deles afirmaram que este tipo de bullying é mais difícil de lidar do que outras formas de bullying. O que é passível de futuras discussões é que o mesmo estudo descobriu que muitas professoras lésbicas, professores gays, bissexuais e trans temiam como a gestão escolar poderia reagir caso sua sexualidade fosse conhecida por colegas, pais ou até mesmo alunos (O’HIGGINS NORMAN, 2008).

Assume-se que o fato de não existir uma abordagem convencional de orientação sexual e educação sexual nas escolas – tanto para alunos(as), quanto para professores(as) e familiares, pode resultar em comportamentos discriminatórios (O’HIGGINS-NORMAN, 2009), e para tanto, faz-se necessário pensar em estratégias para batalhar contra a LGBTI+fobia, estruturalmente. Estes estudos que tratam de sexualidade, gênero, infância e educação física escolar, concluem que a escola e as aulas de Educação Física, são espaços generificados, sexualizados e excludentes para crianças que performam um gênero dissonante à norma.

Já no quadro 3, foram agrupados os artigos que podem ser relacionados ao campo do esporte. De antemão, justificamos que o entendimento de esporte vai para além do esporte de rendimento e de participação. Como exemplo,

acrescentamos os artigos sobre atividades físicas nessa divisão. O “esporte” é, portanto, entendido a partir da polissemia dimensional, numa perspectiva ampliada de sentidos, significados, dimensões e contextos. Como fenômeno e como práticas esportivas. E não apenas como um atividade institucionalizada cuja única finalidade é comparar desempenhos (MARCHI JÚNIOR, 2015).

Os trabalhos de Araújo (2015) e Paula Chaves e Araújo (2015), guardam relações com o cinema contemporâneo. Ao utilizar a descrição da experiência estética das imagens do esporte a partir da análise das obras *Beautiful Boxer* (2003), *Million Dollar Baby* (2004), *Billy Elliot* (2000), o autor e a autora compreendem novas formas de aderir ao fenômeno esportivo, e retrata que o cinema nos chama para pensar novas formas de expressões do corpo no esporte.

O estudo mais recente encontrado de Garcia e Pereira (2020), se assemelha ao estudo de Grespan e Goellner em 2014. Sobre MMA e voleibol, respectivamente, ambos realizam uma pesquisa empírica em sites esportivos e culturais buscando averiguar comentários sobre duas atletas trans: Fallon Fox e Tiffany Abreu. Ainda que no estudo de Garcia e Pereira, buscaram opiniões de pessoas conhecidas como atletas e treinadores, as conclusões são semelhantes: o esporte foi, e é um local de disputa que delimitam padrões de normalidade sobre a aparência dos corpos. Os resultados indicam que majoritariamente, as pessoas são contrárias à inserção e atuação de atletas trans com base em normas biomédicas, fisiológicas e também, opiniões que extrapolam o universo do esporte, podendo identificar “aversão e repulsa às pessoas que subvertem representações normatizadas de gênero e sexualidade” (GRESPLAN; GOELLNER, 2014, p. 1276). Este resultado é corroborado com um estudo realizado com 323 pessoas sobre preconceito no âmbito esportivo: o preconceito contra as pessoas trans foi maior do que o expresso em relação à lésbicas, gays e bissexuais (CUNNINGHAM; PICKETT, 2018).

Somando a estes resultados, no que tange a prática esportiva (específico em esporte de participação), de acordo com a Agência Europeia dos Direitos Fundamentais (EUROPEAN UNION AGENCY FOR FUNDAMENTAL RIGHTS, 2010) 42% das 90.000 pessoas LGBTI+ entrevistadas em toda a Europa não consideram os clubes esportivos como locais onde podem ser abertamente LGBTI+. Nessa mesma pesquisa, 73% dos participantes acreditam que o esporte não é seguro e acolhedor para as pessoas LGBTI+. O estigma lésbico, por exemplo, contribui para as disparidades de gênero – e evidentemente, o rótulo no contexto heterossexista e heteronormativo do esporte é um meio de subverter o status, o poder e a influência das mulheres lésbicas (SARTORE; CUNNINGHAM, 2009).

O resumo expandido publicado por Rego (2016) se relaciona com o manuscrito de Caminha, Serrano e Gomes (2019), ambos propõem discussões acerca da masculinidade construída por meio da tonificação muscular e entrevistados que relacionam definição muscular como um aspecto que remete à um corpo masculino. Os dois estudos possibilitam reflexões sobre como homens

trans recorrem a mecanismos e técnicas que possam os masculinizar e que auxiliem no processo de remodelação corporal – e aqui, discute-se o papel da academia, atividade física, exercício físico na produção de características como força, vigor e rigidez muscular, estas, entendidas como parte de estereótipos criados culturalmente de “masculino”.

O outro estudo de Caminha, Serrano e Gomes (2017), propõe uma revisão sistemática qualitativa sobre transexualidade e atividade física em periódicos das Ciências da Saúde. O estudo divide o conteúdo dos artigos em quatro categorias: construção sócio-histórica da transexualidade; políticas de saúde; militância e questões de identidade de gênero. Nesta revisão, observou-se uma predominância de produções sobre aspectos biológicos e psicológicos. Também foram encontrados artigos com outras temáticas, todavia, nenhuma destas produções fazem interface direta com a Educação Física.

Já Wenez e Macedo (2019) apresentam detalhadamente o caso de Rodrigo e discutem sobre a relação entre dança e masculinidade na infância, retratam situações que aconteceram em escola de dança de um clube. Os resultados apontam aquilo que encontramos nos outros estudos: aquele menino que rompe com questões da masculinidade heteronormativa e tensiona a linearidade das relações de gênero e sexualidade hegemônicas – por exemplo, sofrerá preconceito. No caso específico do menino Rodrigo, foi chamado de “bicha” diversas vezes. Ora, performar um gênero discreto se constitui parte das exigências que garantem a humanização de indivíduos na cultura contemporânea (BUTLER, 2019b) – e aqueles que fracassam em bancar corretamente seus gêneros de acordo com as funções generificadas disfarçadas de “cultura”, são regularmente punidos. Além disso, obviamente essas experiências de preconceito, exclusão na infância/adolescência geram impactos circunscritos/agudos, tais como raiva e humilhação, mas também efeitos prolongados e crônicos, desenvolvendo depressão e outras síndromes (BAIOCCO *et al.*, 2018).

Um estudo de acompanhamento de 3 anos, por exemplo, relatou que discursos que servem de munição para disseminação de atitudes preconceituosas e LGBTfóbicas na infância, estão relacionados com efeitos psicossociais de pequeno e longo prazo, como exemplo, 50% das pessoas acompanhadas que sofreram bullying por serem homossexuais ou não se encaixarem nas normas binárias de gênero na infância, relataram contemplar um comportamento de automutilação ou suicídio, na vida adulta (RIVERS, 2001). Todos esses resultados produzem uma conclusão: os esportes eram e são frequentemente afetados por sexismo e homo/bi/lesbo/transfobia (MENZEL, BRAUMÜLLER; HARTMANN-TEWS, 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta revisão foi mapear as produções realizadas sobre o tema LGBTI+ e práticas corporais. Podemos concluir que poucos estudos foram produzidos com estes termos, independentemente da escolha cronológica, visto que não delimitamos um filtro de tempo. Foram selecionados 14 estudos, entre os anos 2010 e 2020 de modo a corroborar com a timidez já enunciada sobre pesquisas que versam sobre sexualidade e gênero na Educação Física.

Todas as pesquisas conduzidas possuem caráter qualitativo, especialmente pois foi utilizado o termo “práticas corporais” para a busca. Sobre a área do conhecimento, a maioria das revistas em que os manuscritos foram publicados atuam na produção do conhecimento na Educação Física. O campo do conhecimento com maior aporte teórico voltado à temática é o campo da Educação Física Escolar, seguido pelo campo do Esporte.

Os estudos que se referem à Educação Física Escolar, elucidam infelizes regras tácitas aplicadas nos(as) alunos(as) que não se enquadram nas normas binárias de gênero, e demonstram a cristalização de preceitos hetero-cis-normativos<sup>7</sup> no chão da escola. Ademais, é possível observar nos resultados destes estudos, o papel do/a professor/a de Educação Física em (re)afirmar desigualdades e hierarquias identitárias entre os/as estudantes.

No tangente às pesquisas realizadas no campo do Esporte, os estudos concluem que o espaço esportivo *cistêmico*<sup>8</sup> também demarca as hierarquias sociais de gênero. Com destaque para os artigos sobre as atletas Tiffany de Abreu e Fallon Fox, nota-se que para legitimar a separação entre atletas cis x atletas trans, utiliza-se com frequência do discurso biomédico sobre alterações fisiológicas. Já as pesquisas realizadas sobre transexualidade e atividades físicas, retratam o papel das práticas corporais como uma ferramenta social para a aceitação do corpo, e nestes, exploram discussões sobre a produção de uma estética tida como masculina, para tentar o pertencimento e solidificar a identidade do homem. Além disso, a revisão sistemática sobre transexualidade e Educação

<sup>7</sup> A sexualidade é construída ao longo de toda a vida e é por meio de processos culturais que podemos definir o que é – ou o que não é – natural. A inscrição dos gêneros nos corpos é concebida no contexto de uma determinada cultura, ademais, são socialmente estabelecidas as possibilidades da sexualidade. As redes de poder de uma sociedade regulam, normatizam e moldam a sexualidade (LOURO, 2000). São estabelecidas, por consequência, normas: a heterossexualidade como tal, assim como, a cisgeneridade (heteronorma e cishnorma). Sobre a cisgeneridade, o prefixo ‘cis’, da palavra cisgênero, derivado do latim, representa “do mesmo lado que”, em oposto ao prefixo “trans”. Sinteticamente, uma pessoa cis é aquela que se identifica – dentre todos os aspectos, com o gênero designado ao nascer. Para além das condições de enunciação, o prefixo ‘trans’ pode tornar viável uma localidade específica. Devemos, no entanto, reconhecer o dualismo que organiza a utilização desses prefixos que operam no processo de diferenciação, que, segundo Julia Pontes e Christiane Gonçalves Silva (2017) “relega ao inominável o prefixo ‘cis’ [...] como norma de referência no ato de definição que classifica pessoas como ‘trans’” (PONTES; SILVA, 2017, p.400).

<sup>8</sup> Jogo de palavras – “sistêmico” para “cistêmico” – com a ideia que o sistema valida somente a condição de gênero de pessoas cis (aquelas que se identificam com o sexo biológico).

Física nos mostra que embora haja uma crescente produção sobre o entendimento holístico e social da transexualidade, a maioria dos estudos publicados nos periódicos das Ciências da Saúde apresentam discursos sobre a transexualidade enquanto uma patologia. Aqui, enfatizamos o fato de que nenhum estudo encontrado nesta revisão sistemática faz interface direta com a Educação Física.

Como limitações, os resultados deste estudo implicam a exclusão da produção internacional sobre o tema. Além disso, faz-se interessante para posteriores pesquisas, que outros termos sejam incluídos, considerando a interdisciplinaridade da Educação Física. Termos como “atividade física”; “esporte”; “saúde”; “exercício físico” e “lazer”. Além disso, não foram incluídas produções da literatura cinza - dissertações e teses.

Nota-se, com base nos conteúdos encontrados nesta revisão, a importância de estudos que aliem a Educação Física com perspectivas de gênero e sexualidade provenientes dos estudos feministas e *queer*, e das relações com Ciências Sociais e Humanas. Estes, nos alertam para a necessidade de um olhar atento da área para com as demandas sociais contemporâneas devido à aproximação da Educação Física com as questões do corpo e identidade.

## **FINANCIAMENTOS**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.*

## **NOTAS**

### **CONFLITOS DE INTERESSE**

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

### **AUTORIA E COAUTORIA**

Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

*Maria Clara Elias Polo* - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito).

*Jose Miguel Nieto Olivar* - Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

*Giselle Helena Tavares* - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. *Educação física escolar: relações de gênero em jogo*. São Paulo: Cortez, 2015.

ARAÚJO, Allyson. C. Gênero, Sexualidade e Esporte no Cinema. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 23, n. 1, p. 172–181, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18511/0103-1716/rbcm.v23n1p172-181>. Acesso em: 20 maio 2021.

BAIOCCO, Roberto; PISTELLA, Jessica; SALVATI, Marco; IOVERNO, Salvatore. LUCIDI, Fabio. Sports as a risk environment: Homophobia and bullying in a sample of gay and heterosexual men. *Journal of Gay and Lesbian Mental Health*. v 22, n. 4, p. 385–411, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/19359705.2018.1489325>. Acesso em: 20 maio 2021.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara. *Dossiê: assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019*. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade*. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019a.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: LORDE, Audre et., al. Heloisa Buarque de Hollanda (org.). *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019b, p. 213-234.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. *Plano Municipal Lgbti+ 2020-2021*. Lisboa.

CASPERSEN, Carl. J.; POWELL, Kenneth. E.; CHRISTENSON, Gregory. M. Physical activity, exercise, and physical fitness: definitions and distinctions for health-related research. *Public Health Report*, v. 100, p. 126–131, 1985.

CHAVES, Paula N.; ARAÚJO, Allyson C. Thinking the body transvestite and transsexual in sport: a analysis of the film Beautiful Boxer. *Motrivivência*, v. 27, n. 45, p. 219-229, 2015. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1610>. Acesso em: 20 maio 2021.

CUNNINGHAM, George. B.; PICKETT, Andrew. C. Trans prejudice in sport: Differences from LGB prejudice, the influence of gender, and changes over time. *Sex Roles: A Journal of Research*, v. 78, n. 3-4, p. 220-227, 2018. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1007/s11199-017-0791-6>. Acesso em: 20 maio 2021.

CUNNINGHAM, George B. *Sexual orientation and gender identity in sport: Essays from activists, coaches, and scholars*. Texas: College Station, Center for Sport Management Research and Education, 2012.

CUNNINGHAM, George B. Understanding the experiences of LGBT athletes in sport: A multilevel model. *APA handbook of sport and exercise psychology, volume 1: Sport psychology*, v. 1, p. 367-383, 2019.

DAOLIO, Jocimar. Educação Física e pesquisa sociocultural. In: STIGGER, Marco Paulo (Ed.). *Educação Física + Humanas*. Campinas: Autores Associados, 2015. p. 246.

FRANCO, Neil. A Educação Física como território de demarcação dos gêneros possíveis: vivências escolares de pessoas travestis, transexuais e transgêneros. *Motrivivência*, v. 28, n. 47, p. 47, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n47p47>. Acesso em: 20 maio 2021.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade, V.1: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal ed., 1988.

GARCIA, Rafael; BRITO, Leandro. Performatizações Queer Na Educação Física Escolar. *Movimento*, v. 24, n. 4, p. 1321-1334, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.82502>. Acesso em: 20 maio 2021.

GARCIA, Rafael M.; PEREIRA, Erik G. B. A opinião de atletas e treinadores de voleibol sobre a participação de mulheres trans. *Movimento*, v. 26, p. e26068, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.101993>. Acesso em: 20 maio 2021.

GOELLNER, Silvana V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da 1 diversidade. *Cadernos do RBCE*, n. 2009, p. 71-83, 2010. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/984>. Acesso em: 20 maio 2021.

GRANT, Maria J.; BOOTH, Andrew. A typology of reviews: An analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health Information and Libraries Journal*, v. 26, n. 2, p. 91-108, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x>. Acesso em: 20 maio 2021.

GRESPLAN, Carla L.; GOELLNER, Silvana V. Fallon Fox: Um Corpo Queer No Octógono. *Movimento*, v. 20, n. 4, p. 1265, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.46216>. Acesso em: 20 maio 2021.

JAGOSE, Annemarie. *Queer Theory – an introduction*. New York: New York University Press, 1996.

HALL, William. J.; RODGERS, Grayson K. Teachers' attitudes toward homosexuality and the lesbian, gay, bisexual, and queer community in the United States. *Social Psychology*

of Education, v. 22, p. 23–4, 2019. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11218-018-9463-9>. Acesso em: 20 maio 2021.

HARTMANN-TEWS, Ilse; BRAUMÜLLER, Birgit; MENZEL, Tobias; TORRANCE, Hugh; MARSHALL, Andrew. *Sexual orientation, gender identity and sport: Selected findings and recommendations for action - Scotland*. FIS – Publikationen Sexual orientation, gender identity and sport, p. 10, 2019. Disponível em: [https://fis.dshs-koeln.de/portal/files/5042847/OUTSPORT\\_SCOTLAND\\_WEB.pdf](https://fis.dshs-koeln.de/portal/files/5042847/OUTSPORT_SCOTLAND_WEB.pdf). Acesso em: 20 maio 2021.

IWAMOTO, Thiago C.; AMORIM, Wanderson A.; SEABRA, André L. Docência universitária e a formação de professores de Educação Física: a relação entre conteúdos e gênero. *Periódicus*, n. 14, v.2, 2021. <https://doi.org/10.9771/peri.v2i14.28532>. Acesso em: 20 maio 2021.

JOANNA BRIGGS INSTITUTE (JBI). *Methodology for JBI Scoping Reviews - Joanna Briggs*. 2015. Disponível em: [http://joannabriggs.org/assets/docs/sumari/Reviewers-Manual-Methodology-for-JBI-Scoping-Reviews-2015\\_v2.pdf](http://joannabriggs.org/assets/docs/sumari/Reviewers-Manual-Methodology-for-JBI-Scoping-Reviews-2015_v2.pdf). Acesso em: 10 nov. 2020.

KUNZ, Eleanor. *Educação Física: ensino e mudança*. Ijuí: Unijuí, 1991.

LAZZAROTTI FILHO, Ari; SILVA, Ana Marcia; ANTUNES, Priscilla de Cesaro; SILVA, Ana Paula Salles da; LEITE, Jaciara Oliveira. O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da educação física. *Movimento*, v. 16, n. 1, p. 11–29, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.9000>. Acesso em: 20 maio 2021.

LOURO, Guacira L. (Org). *O Corpo Educado: pedagogias de sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley. O esporte “em cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um Modelo Analítico. *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport*, v. 5, n. 1, p. 46–67, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/jlass.v5i1.43890>. Acesso em: 20 maio 2021.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

O'HIGGINS-NORMAN, James. Equality in the provision of social personal and health education in the Republic of Ireland: The case of homophobic bullying?. *Pastoral Care in Education*, v. 26, n.2, p. 69–81, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02643940802062568>. Acesso em: 20 maio 2021.

O'HIGGINS-NORMAN, James. Straight talking: explorations on homosexuality and homophobia in secondary schools in Ireland, *Sex Education*, v. 9 n. 4, p. 381-393, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14681810903265295>. Acesso em: 20 maio 2021.

OLIVEIRA, José Marcelo D.; MOTT, Luiz. *Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia*. Salvador, 2019. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>. Acesso em 22 de dezembro de 2020. Acesso em: 20 maio 2021.

PEREIRA, Erik; SILVA, Alan C. *Educação Física, Esporte e Queer*. Curitiba: Appris, 2019.

PONTES, Júlia C.; SILVA Cristiane G. Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. *Periódicus*, n. 8, v. 1, nov.2017-abr. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i8.23211>. Acesso em: 20 maio 2021.

PRADO, Vagner Matias do; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa. *Motriz*, v. 16, n. 2p. 402–413, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n2p402>. Acesso em: 20 maio 2021.

PRADO, Vagner Matias Do; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Educação física escolar, esportes e normalização: o dispositivo de gênero e a regulação de experiências corporais. *Revista de Educação PUC-Campinas*, v. 19, n. 3, p. 205, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2318-0870v19n3a2854>. Acesso em: 20 maio 2021.

PRADO, Vagner Matias Do; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Escola, Homossexualidades E Homofobia: Rememorando Experiências Na Educação Física Escolar. *Reflexão e Ação*, v. 24, n. 1, p. 97, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/rea.v24i1.7049>. Acesso em: 20 maio 2021.

REVISTA MOVIMENTO. *Revista de Educação Física da UFRGs*. Sobre: Foco e Escopo. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/about/editorialPolicies#focusAndScope>. Acesso em 10 jan. 2021.

SERRANO, Jéssica L.; CAMINHA, Iraquitan de O.; GOMES, Isabelle S. Transexualidade e educação física: uma revisão sistemática em periódicos das ciências da saúde. *Movimento*, v. 23, n. 3, p. 1119, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.64857>. Acesso em: 20 maio 2021.

SILVA, Ana Marcia; LAZAROTTI FILHO, Ari; ANTUNES, Priscilla de Cesaro. Práticas Corporais. In: *Dicionário Crítico de Educação Física*. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2014. p. 522–527.

SOARES, Carmen Lucia *et al.* *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

STIGGER, Marco Paulo. *Educação Física + Humanas*. Campinas: Autores Associados, 2015.

WENETZ, Ileana. Gênero, corpo e sexualidade: negociações nas brincadeiras do pátio escolar. *Cadernos CEDES*, v. 32, n. 87, p. 199–210, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/RWJ6qPwPZysDRDmLchg7QFK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2021.

WENETZ, Ileana; MACEDO, Christiane G. Masculinidade(s) no balé: gênero e sexualidade na infância. *Movimento*, v. 25, p. e25081, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.90474>. Acesso em: 20 maio 2021.

Recebido em: 28 jul. 2021  
Aprovado em: 21 fev. 2022

---

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

---

*A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:*

